

COMO DESTRUIR UMA OBRA

 **DANILO COSTA NUNES ANDRADE LEITE**

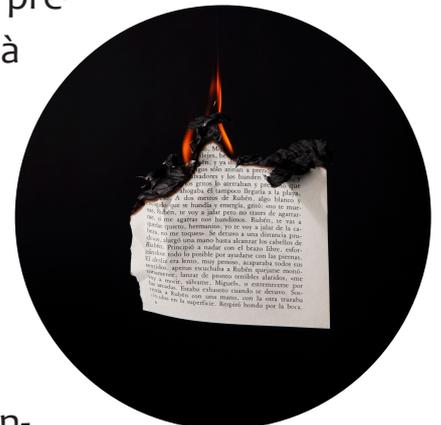
 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.264>

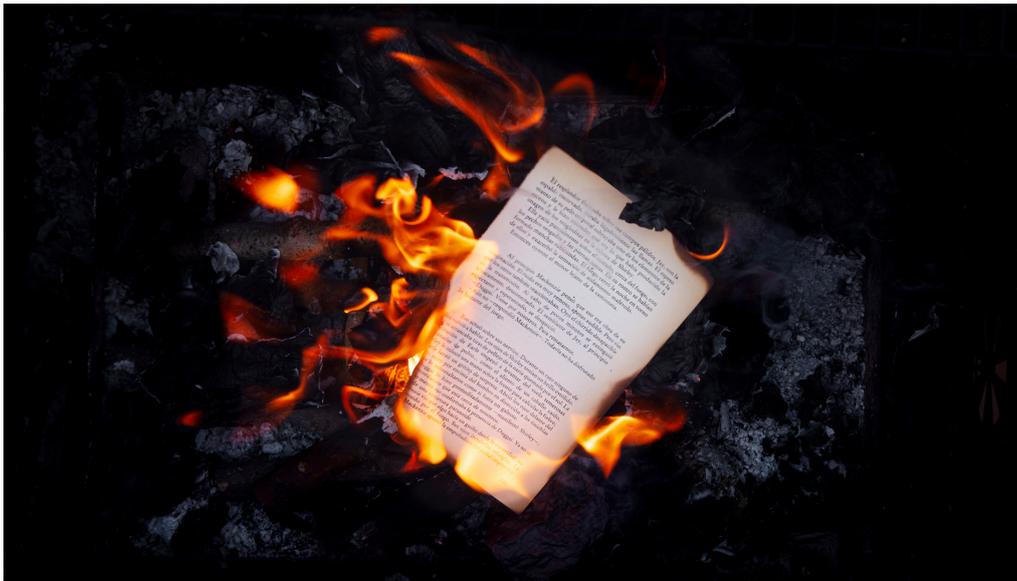
F

açamos um experimento mental em três partes da seguinte forma. Primeiro, suponhamos que a obra de Machado de Assis resulta em um todo perfeito e unitário, e que saibamos exatamente o que o Bruxo do Cosme Velho escolheu para cada linha, cada letra, cada vírgula, espaço e pausa de suas páginas. Nada pode sair do lugar sem que toda a obra se desfaça. Supomos, desse modo, que o escritor tinha controle consciente de cada uma das etapas de sua escrita, nada lhe escapa a respeito de sua própria criação. Mais do que um conjunto, sua obra forma um universo particular, subsistente por si - ou assim o espera o autor em nos-

so experimento - irretocável e sistemático.

Segundo, suponhamos ainda que exista uma interpretação-maestra, como a única chave para o enigma deste universo, um código formulado pelo próprio autor, explicitado em alguma obra que não encontramos, perdida em algum armário de um alfarrabista do Rio de Janeiro. Na obra, a qual não sabemos ainda se existe ou não, Machado de Assis é meticuloso e detalhista a respeito dos aspectos que compõem suas publicações; trata-se, portanto, de uma obra em muitas vezes maior do que os livros que conhecemos. São tomos e mais tomos de comentários perpétuos, glosas e paráfrases escritas sem pretensão acadêmica ou universitária, somente pelo gosto à clareza e ao entendimento. Explica ali como, por que e o que suas escolhas implicam, a genealogia real e irreal de suas personagens, a arqueologia real e irreal de seus enredos, nos menores detalhes. Detalhes que podem fugir ao leitor apressado, a troca de um advérbio por uma locução adverbial, um par vírgulas que tornam um adjetivo predicativo em uma oração reduzida. Apre-





demos uma língua com ele, saímos de cada página mais donos desse meio de expressão - tão afim e tão distinto do português brasileiro que usamos nos dia-a-dia.

Ao fim de um desses tomos, a respeito do qual fazemos anotações para melhor recordar das lições, embora seja debatível qualquer pretensão a interpretar o comentário machadiano à prosa e poesia machadianas. Estamos diante dos tomos de Machado interpretando Machado como um operador de máquina com um manual explicando passo a passo o funcionamento do autômato. Não deixamos de penetrar em sua mente, já que faz questão de dizer a chave-mestra de suas linhas, e ao mesmo tempo - começamos a notar - que algo se nos escapa, penetramos em algo enorme que não podemos entender completamente. E, ao fim, não desejamos penetrar genuinamente, temos dúvidas sobre nossas próprias individualidades caso absorvamos todos os

pressupostos e supostos e propósitos de Machado. O que resta a ser feito?

Terceiro, rigorosamente falando - ao pensar dessa maneira - também uma pessoa só poderia dizer que conhece Machado de Assis ao terminar de ler toda a obra e contemplar o que sua mente produziu de lés a lés. A tarefa não estará completa antes que o leitor ou leitora se decida a perscrutar igualmente todos os tomos infinitos de comentários, alentados, precisos, definitivos, produzidos pelo próprio autor. Supomos que nada disso precise de mais esclarecimentos, releituras, está dado e pronto e acabado. Em nosso experimento, porém, não existe terceira escolha racional possível - ou recebemos o Bruxo com seus códices completos ou o deixamos de lado a menor vírgula sua. Tratamos seus contos, romances, poemas, tal como ele deliberadamente escolheu e fazemo-lo em relação a todos os seus aspectos, sem concessões. Descobrimos assim

que a palavra de Machado, o sentido de Machado e sua autoridade coincidem, como uma espécie de revelação racional, escrita por extenso, disponível a todos e todas. E assim lendo e ensinando, que fazemos? Tomamos contacto com um bloco em tese perfeito de palavras, pensamentos e sentidos, sem nenhum espaço para modificação, nenhum sequer. Paulatinamente memorizamos os romances e sua interpretação, Dom Casmurro se torna um modelo poético e ético, Quincas Borba ganha um culto pequeno na Cidade Maravilhosa. E, à força de tanto sabê-lo e internalizá-lo, sentimos que não conseguimos e nem nunca conseguiremos ocupar a posição do próprio Machado de Assis.

Por outro lado, o texto, inimitável, nos embota. Rejeitamos seu sentido profundo, que por sinal conhecemos com precisão; e o rejeitamos porque não temos nenhum papel genuíno diante do texto - se o declamamos, fazemos conforme as ordens do autor, se o filmamos, gravamos, representamos, fazemos de acordo com seus mandamentos. Sufocamos pensando que qualquer parte dos tomos e dos livros possa desaparecer. E, no entanto, “Que desapareça!” - pensamos.

Não considero que este seja seriamente nosso papel ao lidar com a tradição humana, sempre parcial, histórica, localizada e limitada; existe um papel ativo na recepção das obras artísticas

em sentido amplo, somos de certo modo o elo intelectual-afetivo, crítico e global entre o passado e o futuro. Por exemplo, seja ao escrever, seja ao ensinar a escrever, mas, sobretudo, ao ler e ao ensinar a ler que nossa tarefa se coloca de modo mais agudo. Três aspectos alimentam a subsistência de uma obra num determinado sistema - ou subsistema - cultural, sua relação consigo enquanto um pequeno sistema de sentido; sua relação com seus interlocutores, o que inclui a pessoa que a cria; sua relação com sistemas congêneres e homólogos.

Se o experimento anterior, com suas três etapas, cria um aparato absolutamente iluminado é apenas para enfatizar a estupidez em se buscar algo de definitivo a respeito de uma obra literária. Penso talvez no “Ensaio sobre a cegueira” com sua distinção - que julgo tão guimarães-roseana também - entre ver demais e reparar. Se vemos demais, temos à disposição em formato acessível as obras, não podemos deixar de reparar efetivamente no que cada uma delas diz; se nos falta um manual sobre como interpretar cada sílaba em Camões, não deve nos faltar o interesse de olhar seus versos, ainda que o esqueçamos às vezes, repará-los de novo - como pela primeira vez.

A obra plenamente iluminada, transparente e inteiramente descrita pelo próprio arquiteto soa como uma utopia

de clareza e certeza, uma utopia com que ninguém sonha, uma utopia em que o autor não erra, não hesita. Sabe tudo sobre si mesmo e sobre o que vai no papel parar.

Existe um trabalho para quem somos o elo mencionado acima, o da releitura e reabertura das obras que recebemos e criamos.



DANILO COSTA
NUNES ANDRADE
LEITE, 39 ANOS,
ADVOGADO, SO-
CÍOLOGO E DOU-
TOR EM LETRAS
CLÁSSICAS (USP),
ASSINA COM O
PSEUDÔNIMO DE
“DANILO DA COS-
TA-COBRA LEITE”
OBRAS DE POESIA
E PROSA PUBLI-

CADAS POR VÁRIAS EDITORAS DESDE 2015 (PARALITHOMAQUIA & OUTROS POEMAS, SÃO PAULO, ED. PATUÁ, 2015; NHE'ENGA A MORE QUIXOTESCO, CURITIBA, KOTTER EDITORIAL, 2019; EPYKA, SÃO PAULO, ED. MENTES ABERTAS/SELO CISNE, 2021; QUEBRA-CABEÇAS: NENHUMA CHUVA EM VÃO, BELO HORIZONTE, ED. CARAVANA, 2021; 24 HORAS-HAIKU, SÃO PAULO, ED. MENTES ABERTAS/SELO CISNE, 2022).

CONHEÇA!

